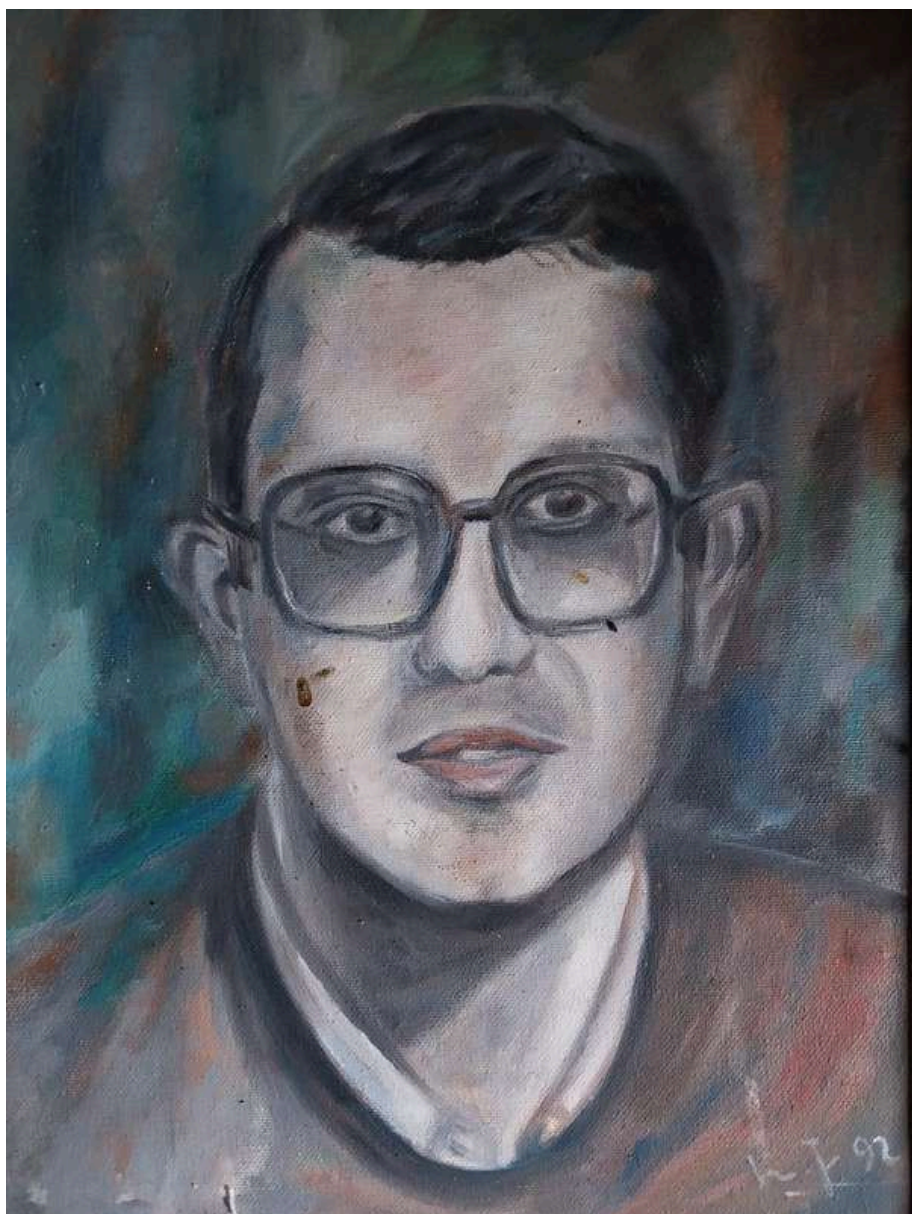
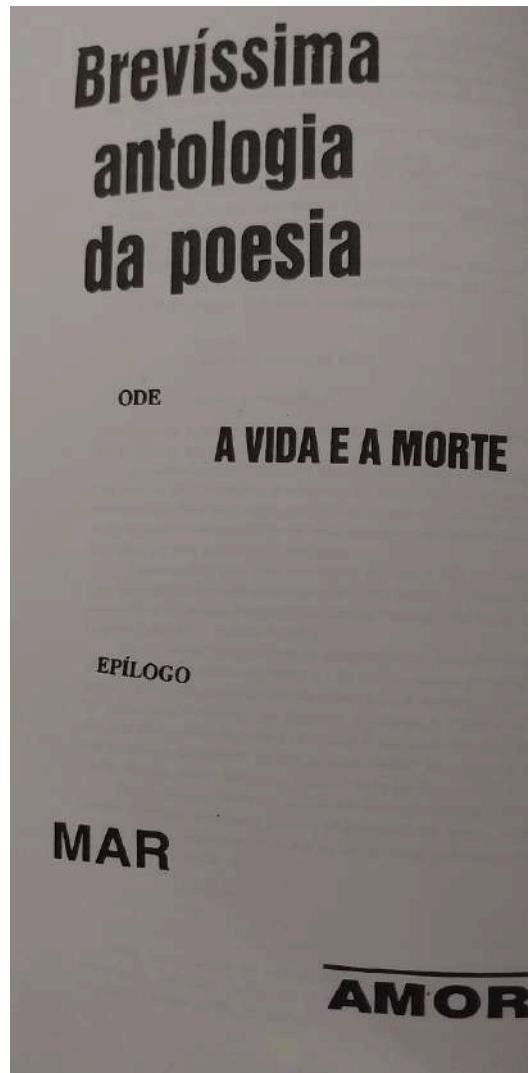


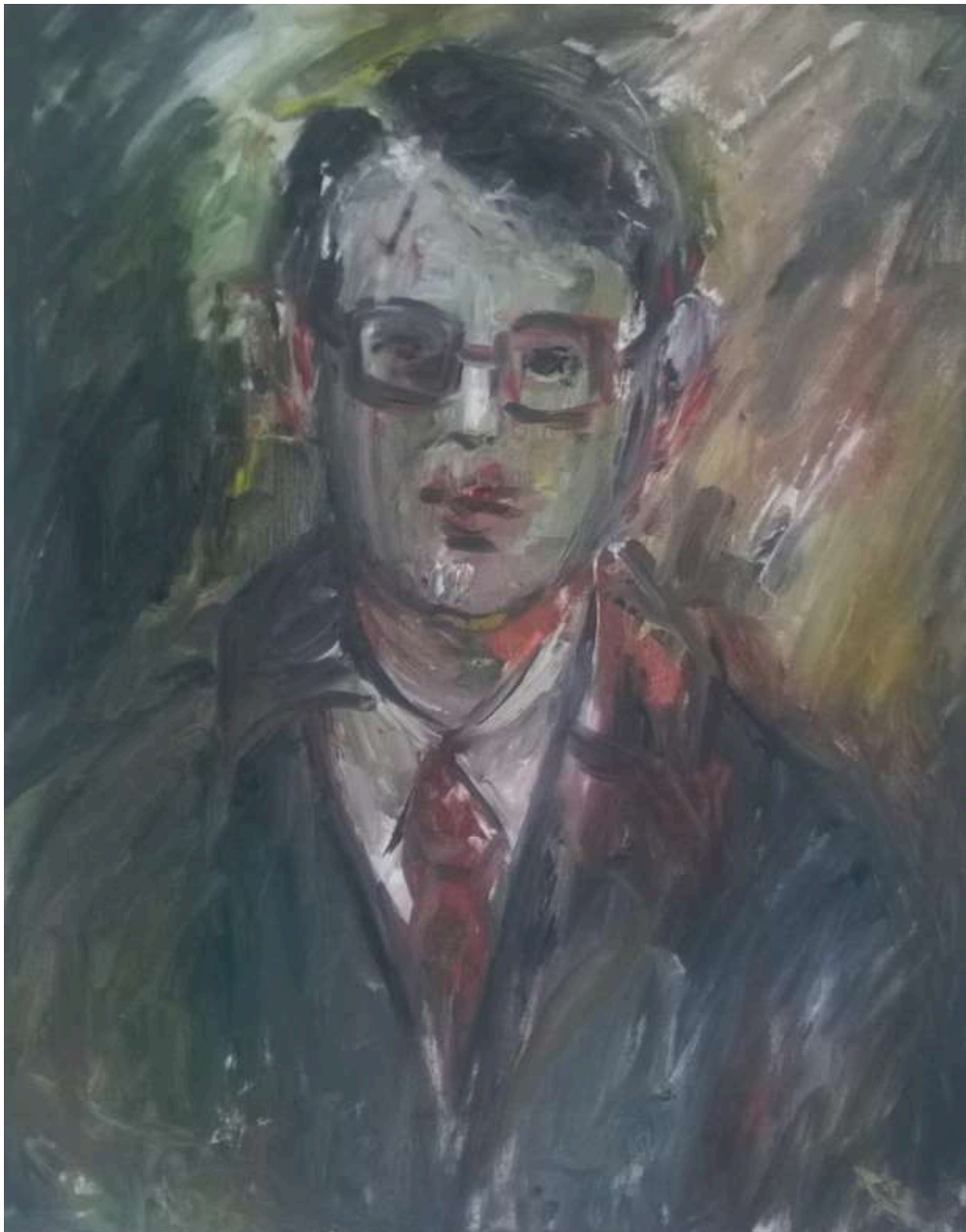
JOSÉ LUÍS FONTENLA

HOMENAGEM DIA DA ACADEMIA 2025



Academia Galega da
Língua Portuguesa





1. Poemas de Paris
2. Suite
3. Poema de Concurso
4. Onde dobra o mundo
5. Tempo Vivo
6. Hora do Chá com Almada
7. Excertos
8. A ansiedade da influência

POEMAS DE PARIS

NOTRE-DAME DE PARIS

« Paroisse de l'histoire de France »
Gérard de Nerval

A Carlos Durã
e Pia



GARGULAS DE NOTRE-DAME
POR ONDE ESCORRE A AGUA
COMO O TEMPO.
ABERTURAS DE CANOS ESTREITOS
A RECEBER SAUDADES
POR BAIXO DOS BEIRAIS DOS PENSAMENTOS.
GARGULAS DE NOTRE-DAME
SIMPLES TESTEMUNHAS DO PASSO DO TEMPO
COMO SOPROS DE VENTO,
ESFINGES DO PASSADO ANCORADAS NO PRESENTE,
E VERDADE QUE HA FUTURO,
ALÉM DA NOSSA MENTE ?

SAINTE-GERMAIN L'AUXERROIS

« Vous-le voulez ?
Eh bien, qu'on les tue,
mais qu'on les tue tous »

Charles IX

A Cláudio Lopes Garrido
(Deputado)



QUANTAS NOITES DE SAM BARTOLOMEU
TEVE A HISTORIA, MEU AMIGO!
QUANTAS NOITE DE CUTELOS LONGOS
ATRAVESSAROM AS CONSCIENCIAS DOS POVOS
PARA SERMOS O QUE SOMOS
E SEGUIR SENDO.
SAINT GERMAIN L'AUXERROIS
TEMPLO DE MISTURA INFERNAL
TESTEMUNHO QUE NOM DEVIAS ESTAR EM PE.
O TEU SINO DEU A ORDEM DE ASSASSINAR
E INAUGURAR O SINAL
DAS NOITES DOS CUTELOS DE SAM BARTOLOMEU.
QUANTAS NOITES DE CUTELOS LONGOS
VIVIRAM AINDA
AS CONSCIENCIAS E OS POVOS, AMIGO ?
SAINT GERMAIN L'AUXERROIS
OS SÉCULOS DE INTRANSIGÊNCIA
NADA PODEM
CONTRA A LIBERDADE DA INTELIGÊNCIA.
PARA QUANDO A LIBERDADE DAS CONSCIENCIAS,
PARA QUANDO A LIBERTADOM DOS ESPÍRITOS
E DA PATRIA, AMIGO ?

LA BOURSE — SAINT EUSTACHE

« Le cadran lumineux de Saint-Eustache
pâlissait, agonissait, pareil à une veil-
leuse surprise par le matin ».

Émile Zola

M. C. Henriques



PARIS INMENSO
COMO UM BANCO
ONDE O DINHEIRO
É DE PLÁSTICO.
PARIS INMENSO
COMO UM BANCO,
COM CRÉDITO PARA A GENTE BEM
QUE TEM
OMPOSMÁTICO, CREDITOMÁTICO
LIVRE CRÉDITO, VIDA-CONTA
SERVIÇO-FÉRIAS E TELE-BANCO
CARTOM-CRÉDITO
E PARIS ABERTO
NOITE E DIA.
PARIS INMENSO,
INFÉRNO NA NOITE
QUE AGONIZA
PERANTE O CÉU DO DIA,
COM A VELHA SURPRESA
DO ABRENTE DO AMANHÃ.

A D. Preto



OLHO UM REGO INTERMINÁVEL DE EMIGRANTES
CAMINHANDO EM IGUALDADE UNIVERSAL
ALÉM FRONTEIRAS,
EMPACOTAMENTOS HUMANOS SANTIFICADOS,
A SER TRANSEUNTES PACÍFICOS DO MUNDO INTEIRO
VERMELHAS ALVORADAS
SE REFLECTEM SOBRE O MAR INFINDO,
EM VAL-VEM PERMANENTE
DE NOSTALGIA E DOR DA PATRIA AMADA.
DESDE O GRANDE PALCO
DA IMENSIDADE DO MEU POVO
OLHO HORIZONTES INFINITOS,
REGOS INTERMINÁVEIS DE EMIGRANTES
A RETORNAR À TERRA,
NA PROCURA DA PATRIA PERDIDA.
PARA QUANDO ?

PERSEGUIR IDEIAS
OU PROIBIR ENTERRAR SEMENTE,
FLOR E FRUTO DO PORVIR DUM PAÍS NOVO,
ONDE SÓ SE OUÇA A PALAVRA LIBERDADE!

LES PONTS DE PARIS: LE PONT MIRABEAU

« Sous le Pont Mirabeau
coule la Seine et nous amours
Faut'il qu'il m'en souvienn... »

G. Apollinaire

A Gil Hernandez
e Rosa

SOB A PONTE DA VIDA
DECORRE O TEMPO
E AS NOSSAS LEMBRANÇAS
CONVERTEM-SE EM SAUDADE;
E POR VEZES NEM ISSO.
PASSA O TEMPO,
COMO O SENA,
E NÓS SEM SABERMOS
O FIM PRESENTIDO.
ONDE É QUE FICA A LIBERDADE,
ESTÁTUA IMÓVEL
NA ILHA SOLITARIA?

A Isaac Alonso Estravis



TIRAMOS NO MINHO
O PASSAPORTE DA ESPANHA
E RETORNAMOS AO NOSSO PAÍS
DESCARTANDO A FUGIDA INEVITÁVEL
EM DIAS SEM PAUSA,
EM QUE PAROU O TEMPO.
TIRAMOS NO MINHO
O PASSAPORTE DA ESPANHA
E VOLTAMOS PARA SERMOS NÓS NOVAMENTE
AQUEM E ALEM.



A Rodrigues Lapa



O MOMENTO DE DERRUBAR MUROS
E TIRAR ALGEMAS,
COM AS ARMAS DAS PALAVRAS.
É O MOMENTO DE DERRUBAR MUROS
ROMPER GRILHÕES E LIBERTAR COM AS PALAVRAS
O POVO
É O MOMENTO DE DERRUBAR MUROS
E ABRIR AS PORTAS A REVOLTA,
COM AS ARMAS DAS PALAVRAS PÁTRIAS.

PONT DE GRENELLE — LA LIBERTÉ

« Liberté que des crimes
on commet en ton nom ! »
Madame Roland

A José Paz



O MUNDO HÁ BELEZA
GRANDIOSIDADE E GRANDEZA SUFICIENTE
PARA ENCHER O ESPÍRITO
E AFASTAR O TÉDIO,
SEM NECESSIDADE DE MATAR GENTE,
PERSEGUIR IDEIAS
OU PROIBIR ENTERRAR SEMENTE.
E PRECISO RECUSARMOS O TOMAR PARTE NO ROUBO
E NA OPRESSÃO DO POVO,
AGIR CONTRA GENTES SENIS
QUE MOSTRAM SEU PATRIOTISMO DE BANDULHO
COM DIPLOMAS E PESADAS SENTENÇAS.
OH! VENTOS DE LIBERDADE,
ERGUEI-VOS NOS ESPÍRITOS
CONTRA OS QUE ORDENAM POR BOLETIM
GALEGO ESPUREO, RECRUTAMENTO,
VENDA DA LIBERDADE
OU ANULAÇÃO DE CONSCIÊNCIAS.
MILHARES DE PENSAMENTOS
APODRECEM NA PRISÃO DO SILÊNCIO
FORÇADOS AO EXÍLIO NO PRÓPRIO CÉREBRO,
ENQUANTO SE OUVE
O ANÚNCIO DOS CORVOS QUE AINDA MANDAM.
NOM ESTAMOS OBRIGADOS A VIVER NO EXÍLIO
DE NÓS MESMOS:
HÁ QUE RESISTIR, AMIGO
PARA EXEMPLO DOS QUE VENHAM,
SEM NECESSIDADE DE MATAR GENTE

SUITE

A. Eirinha



SUITE

em suite de violoncello
chove hoje
meu amor

chove
acqua viva
manhã fria
de nós

em suite de violoncello
solo
acqua viva
chove
fuga giga de nós
eu a sós
em solo de violoncello
— ai! Bach baf buf pof plaf ser
e não ser

só
desespero do eu, do meu eu só

Lídia
só violoncello em G maior
alto vai o sol sol maior
mia senhor G dur
em Record Company
de nós

vai-se gravando
recording
Lídia
o tempo
dia a dia
hora a hora
recording locations
em solos de violoncello
Galiza mater
canto memória
acqua viva solidão
de que saudade/s
origo et fons?

tu procuras a mátria da palavra
na palavra Lídia
já redimida
eu o filho pródigo
prodígio!
é nevoeiro o mito
talvez vivo
talvez

e que foi do rio sonho tempo
já tarde sendo
em tarde sendo Lídia
só canto memória
música de cello
solo de violoncello
Bach permeio?

ou
em que som palavra nome proibido somos?
sem alfabeto nem pentagrama
ama o mar o marinheiro? ama a terra o camponês?
quem ama o canto a memória
só silêncio entre solos de
violoncello Bach permeio?

em que pentagrama de silêncios
está escrita

a saudade
Lídia
em colcheias de que solidões?
diz

tu que sabes música
não vês como se curva o arco
do violino
no silêncio da tarde
mais outra vez?
diz

solo fuga gigue
sarabanda
prelúdio de
que saudade de nós?

— e as gaivotas no mar

esta tarde o vento
sob o sol
toca o violoncello
nas ondas do mar

com toda a solidão Lúdia
de um solo
de Bach
em filigrana
de espuma
e vento
violoncello só
em solidão
sol vento e água
e eu que sou
a sós só?
eu só?
e a tarde...

ai! a terra Lúdia
cahier du silence
ai! o mar
cahier bleu
de solidões

ai!
quanto custa ser/se
cadernos de nós
silêncio de solidões
cada abrente

A. EIRINHA
(Galiza)



POEMA DE CONCURSO

João Padrão

por abdução
afastamos as cordas vocais
fazemos um movimento
pelo que as cordas vocais
se afastam uma de outra
e assim a glote respira
livremente!
ou não tão livremente
palavras
saudades
tempo
em lamento.

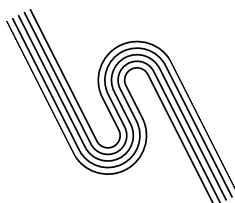
por obra e graça
da vogal aberta
sabemos que as há fechadas
e que a abertura vocálica
por graça e obra da língua
é possível
- com a língua muito baixa
pronunciamos (a) -
e ainda há menos fechadas
outras vogais
semi abertas
em que a língua
nos deixa pronunciar (e)
por exemplo.
tudo em vogais compactas
- que se devem pronunciar
ou deveriam
por exemplo
livre e tranquilamente:
Portugal (Galiza) lusofónicos
pois a glotofagia
vocálica
pode produzir indigestão
e não ha bicarbonato que a cure!
ah! a vogal aberta (a)
Portugal!

por abreviação de sintagma
podemos dizer vou para a Fac (por Faculdade)
tenho aulas de Filo (por Filologia)
e até UM
abreviação de sintagmas por siglas
(Universidade do Minho - UM)
ou UM! quando o tempo está mau
ou ainda UM! enclítico entre
palavras e silêncios
em frases no início e no acabamentoo ser
conversa
diálogo
epílogo
para matar o tempo
ir morrendo nós num rebento
a pouco e pouco
de saudade e tempo!

a abreviação de sintagmas
facilita a rebentaçãõ
e até a paixão de viver
a cada momento...

lição para principiantes:

o acento
amor
sim senhor
já o sabes?
permite valorizar
uma unidade linguística
superior ao fonema
sílabas
morfemas
palavras
sintagmas
frases.



ah! os prosodemas!
o acento de energia
com função distintiva
é móvel como
o tempo
em rebento
sabes? não é igual dúvida
que duvida
(exceto para os filhos de Napoleon)
doido que doído
débito que debito
ah! o acento! o tom!
o tom queixoso
amoroso
irónico
tónico
e o acento gráfico
tão pornográfico!
a marcar e remarcar
a nudez da palavra
ah! tanta algarada!
ah! o capacete! ^^

e a nasalação
como que de constipação!
ah! a acentuação
o acentuado
o acentual
a oposição acentual
prática pratica
contém contem
fábrica fabrica
a pôr o acento onde convém
ai amor!
como valorizar a unidade linguística
medieval medioeval

do amar, do amor, de mia senhor!
como avaliar o morrer d'amor
d'amar o amor
de mia senhor? ai!
superior ao fonema
à sílaba
ao morfema
palavra
sintagma
frase
são sílabas
as palavras
de amor e tempo?
diz amor.

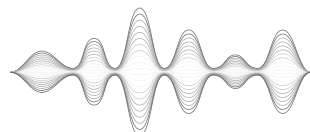
diz-se que uma palavra tem várias acepções
que é polissémica
assim tempo
pode ser
qualquer coisa
e ainda tem a palavra
propriedades acidentais
e assim
X ama
X é a substância
e ama o acidental
se não tudo é polissémico
é acidental
como a vida
a morte
a saudade
o tempo
o amor
o morrer d'amor
e amar o mar!



assim amor é acidente
é acidente um dos modos
cada um dos modos
de uma coisa
por oposição a substância
assim
o tempo está chuvoso
de saudade
por exemplo
chuvoso é um modo de tempo
assim é acidente
pois
um dos modos de uma coisa
como a saudade.

pelos Preliminaries to Speech Analysis
de Jakobson
e outros
sabemos, amor, que até pode haver
doze oposições acústicas
fonologicamente ditas:
vocálico/não vocálico
consonântico/não consonântico
compacto/difuso
contínuo/discontínuo
estridente/doce
brusco/fluyente sonoro/surdo
nasal/oral tenso/frouxo
grave/agudo
incisivo/raso
rebaixado/sustentado

o que abre novas teorias para as
sílabas
a metáfora
e a evolução diacrónica
da língua
para se assegurar
que nada
em nenhum aspecto
formal
fundamental
do som
foi deixado de lado;
por esses Preliminaries e outros estudos
não menos inferiores
sabemos, amor, o que sabemos
até que ha fala
escrita
órgãos da fala
neurónios;
que podemos analisar
sentir
pensar
falar
que há palavras como
amor saudade tempo
que também abrem novas teorias
para além das velhas
sobre o amor
a saudade
o tempo
não achas isso bom amor?



filologicamente
linguisticamente
o verbo é abstrato
o diz a nova gramática
a gramática gerativa
não degenerativa
e a frase é também abstrata
profunda
funda
bem funda
formada por SN sintagma nominal
e SV sintagma verbal
o grau de abstração é tanto maior
quanto maior for
a distância
entre a forma realizada
da frase e a forma
profunda
por exemplo
Penélope ama o mar e o amar
ou Penélope morre d'amor d'amar
d'amar o mar d'amar o tempo
compreendes, amor, que tudo é abstrato?
tudo abstrato
tanto amor como tempo.



a aceitabilidade, amor, tem a ver
com a performance
isto é quando
é aceitável
o enunciado
porque corresponde a um só
tempo
tempo gramatical
há graus e graus de aceitabilidade
por exemplo:
sem acentos, segundo o Acordo Ortográfico
de 1986,
ortografia racionalizada e simplificada
como se lê pelo contexto?
o homem ser
doido ou doído
doído e doido de amor e tempo
doidamente doido ou doído
em rebento
há, amor, graus e graus de aceitabilidade
graças à linguística
compreendes amor?
o homem a saudade o tempo
doido e doído
de amor tempo
o mistério do homem
é inteiro
inteiramente
uma primavera de palavras floridas
abrente do futuro
abrente da manhã do amanhã
futuro a ser filho do futuro
fils du temps

enfim
graças à linguística
linguisticamente
sabemos amor
o indicativo presente
o infinito pessoal
o poema em verso
o poema em prosa
et merd!
la mort!
a morte da palavra
o peso do tempo
a negra sombra
a verde relva
merd!
mort!
em indicativo presente
infinito pessoal.

ici la parole est violée
avec la violence du temps
o olhar entre os muros
sur le plateau loyal du sang
- l'amour pèse
como o tempo
ou la parole est violée
abrente de futuro
sendo.

acabo:
invento
amor
a memória
concepção da matéria
divisões do tratado
ornatus difficilis
escolha das palavras
amor saudade tempo

reclino o meu silêncio
no teu rosto
e penso que me penso
um outro que não cessa em outros
sendo.



ONDE DOBRA O MUNDO...

algas e musgos
em posse absoluta
é a pátria da palavra
líquen do tempo
em primeiros cantos
presença na relva
na abrente da manhã
da terra sem nome
essa pátria...
essa pátria
memória
como mulher nua
sobre a erva
filha da terra
e o povo
entre precipícios
canto amado
Galiza
mais e mais sangue
ainda
Portugal
em elixir de saudade
essa estátua
no jardim
plantada
memória
o sol poente
num 'tableaux'
esse mar cinzento
Pessoa
em nevoeiro
amante
brêtrema
sobre o mar...
onde dobra o mundo
Portugal
não há
mais que memória
incompleta
Galiza em
algas e sargaços
de saudade
como um dia cinzento
sobre o mar
ficção
num edifício

a teia da sombra
em sinos de agonia
novela longa
em solitude de soledades
numa poética em solidão
está essa pátria
Galiza Portugal
a barca sobre o rio...
livro de trovas!
em tragédia de sol posto
está o mar
ritual do amor
no cancionero
das pedras
e os cons com lápides
em presença
do verde mar...
o centro do mundo
em revolta
e esse vitral de janela
em dor sem nome
catedral de silêncio
do mar
flor de águas
thalassa
o mar sobe as horas
em flor d'água
apogeu de morte e fuga
eu, o povo
e aqueles tremores
palpites de flor d'água
sobre a terra das horas
os homens
como um livro
ou:
entre as primeiras chuvas
os caminhos como Homeros
e na ribeira as naus
Ulisses
como um desejo
prodígio
os olhos
as mãos
os ciprestes
o sol
os poentes
e o mar de mágoa/s
Florabela Espanca





e no Alentejo uma negra sombra

Rosalia

de saudade/s

- Galiza

esse pão incerto

entre fronteiras

d'Espanha-Portugal

vertigem e aleluia!

poesia perdida

no mar... -

o sonho e o nevoeiro

G. da Cal

essa poesia amável

caminho do tempo...

rio tinto de norte a sul.

a sul...

rumoroso rumor

Galiza

grito da terra

Portugal

e esse nome

fontela de saudade

a borbulhar

os caminhos do mar

essa ficção

a fonte e o rio

o mar santo

Galiza de Portugal

poema

sentimental

de

estátua pedra poema

e outras naus

do mar

entre os dedos

o horizonte

essa memória

incompleta

perdida no mar

Galiza de Portugal...

TEMPO VIVO

soam Ulisses
os passos do vento no trigal
ventre caudoloso de silêncios
e pão
e não há mar!
tudo era céu
até as eiras
e o trigal
Ulisses
(que há nos olhos
invasão de mar
terra e pedra
a namorar
que ronsel das cousas
sem mar!!)

abrochava a claridade Ulisses
nos trigais
e devorava
Ulisses o mar
um mar de solidão
de pedra e terra
primavera
de que olhos
Ulisses?
e não há mar!

que foi Ulisses
da ilha
da despedida do dia?
que foi?
e devoraram as sombras
Ulisses
que solidão?

abrochava a claridade
e as cousas
tristeza de azinheira abandono
Ulisses
e não há mar!
só solidão

que leve é o dia Ulisses
e nós cativos
do sol
a boca fria de silêncios
marulhando que sombras d'estios
e não há mar!
só o abismo vivo Ulisses
de ser
e não ser
crescendo
e não há mar!

há um horizonte trémulo
Ulisses
como nevoeiro
neblina
e não baixa
é terra é céu
ao léu
ao léu de nós Ulisses
e não há mar
só solidão
voo
tempo
tempo vivo
e não há mar
e vivo
sorriso de azinheira
horizonte a monte
e não há mar

JOÃO PADRÃO
(Galiza)

JOÃO PADRÃO (JOSÉ LUÍS FONTENLA)
A HORA DO CHÁ



insónia roxa
 flor amarela
esta noite
 caravela
 rio de sonho

silêncio dos lírios brancos!
 as horas um espanto!
tempus fugit
 e
 por enquanto

viva a insónia
 vermelha!
viva em Almada
 e Companhia

viva toda a poesia!
 viva Ophelia
a alegria . . .

— «Portugal a entristecer»
 o sol a chumbo ao meiodia!
uf pof plaf que calor!
 uf pof plaf que ardor!
a insónia roxa
 a flor amarela
foram na noite caravela
 rio de sonho
eu medronho de ti e de mim
 e viva Almada
 viva
 Pim!

VIVA ALMADA VIVA PIMI!

VIVA ALMADA VIVA PIMI!

viva por fim!
eu em mim!
eu em ti!

à procura das
linhas

das palavras
do texto

viva a direção da
flor

viva o silêncio

perdido

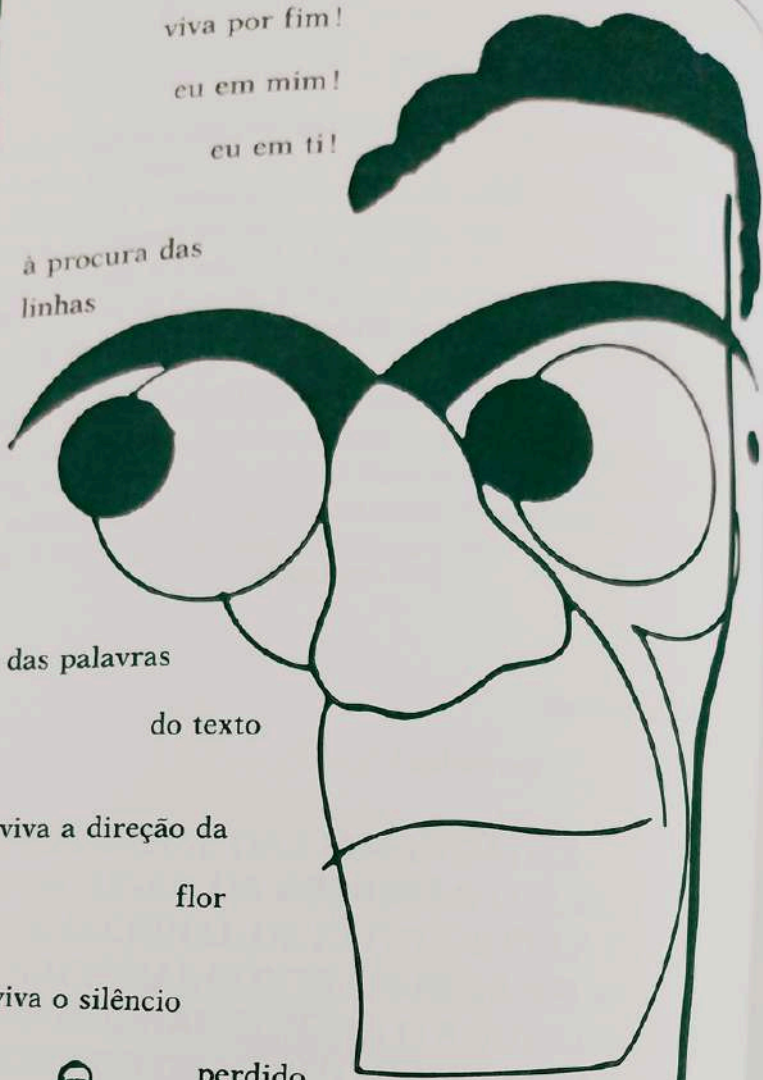
do eu multiplicado!
viva qualquer coisa

de
sau
da
de

ou seja: . . . poesia.

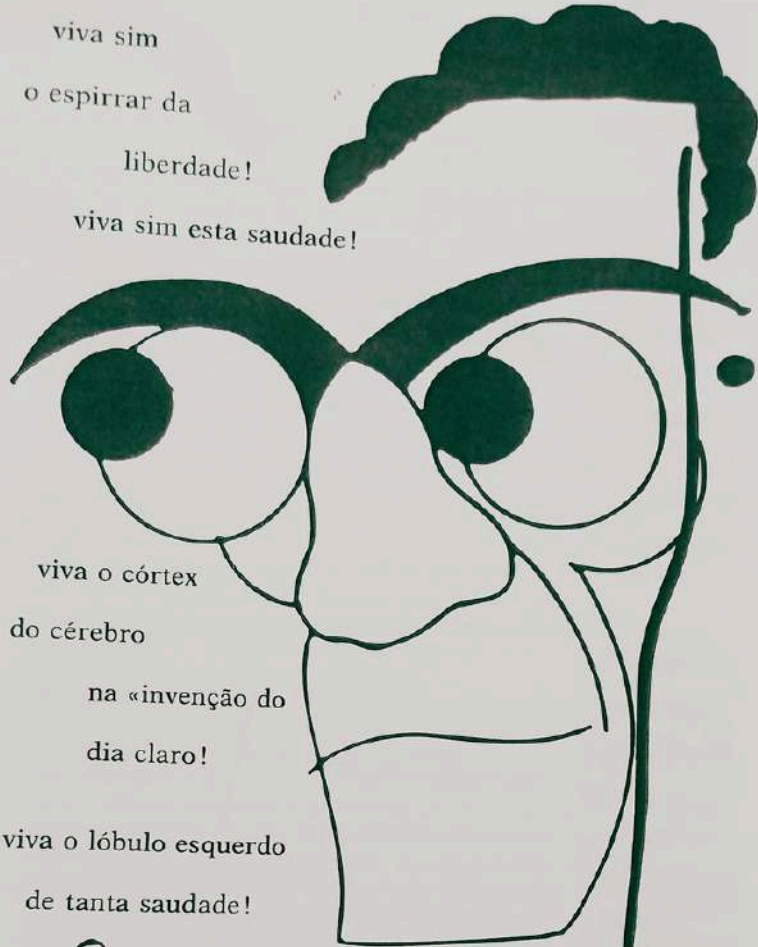


Revisão
4/93



VIVA ALMADA VIVA PIMI!

viva sim
o espirrar da
liberdade!
viva sim esta saudade!



viva o córtex
do cérebro
na «invenção do
dia claro!»
viva o lóbulo esquerdo
de tanta saudade!



viva «o leilão de salvados»
vivam os poetas alucados!
viva eu também!
exatamente!
viva até que rebente!
viva a aurora vermelha
da mátria avassalada!
e a... **poesia.**
e tudo!

R. 20/4/53

Almada

VIVA ALMADA VIVA PIM!

viva a flor!
viva o teatro das
cousas
vivam as
moscas!

viva enfim

o litoral e o dia

viva a amanhecida

vivam sim

as núpcias de tudo

as cousas sem

nome

viva



o sonho estrangulado

viva sim deste lado

o universo de mim!

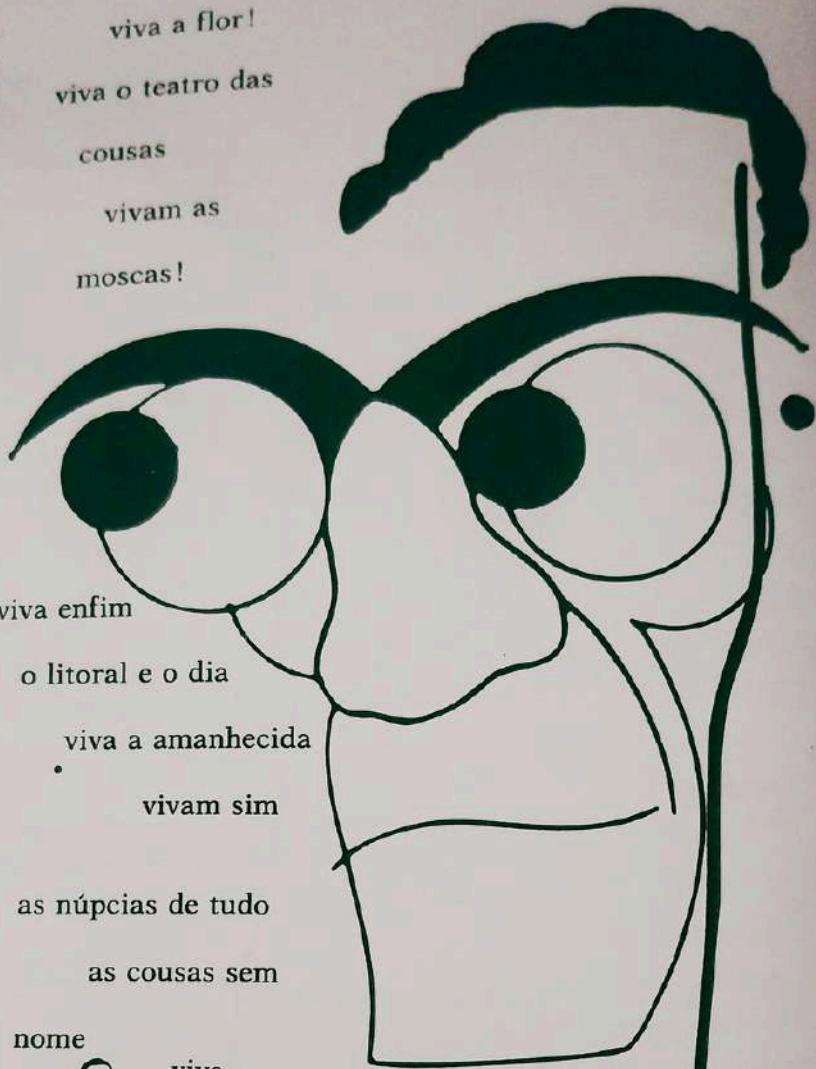
viva Almada viva Pim!

poesia.

e tudo!

B. 25. 4/53

Almada



EXCERTOS



João Padrão por Maria José Calderón
(Óleo sobre papel de jornal)



Autorretrato - Pintura a óleo

que falsa paisagem para os olhos
ser
palavras
mots
words words words
perguntem ao Padrão
como explode a carne humana
em solidão

solidão de ser
como simplesmente não se é
perguntem-lhe pelo sentido de ser

sua raridade florindo
sendo e não sendo
solidão saudade
texto só
o texto fica le texte reste
fica o texto reste le texte
solidão silêncio só
de nós.

as flores morrem todos os dias
tempo de ninguém
proclamação de saudades rotas
o tempo é memória
olhos de água
juntinho ao mar
cabo do mundo
de norte a sul
é fidelidade
língua
fala
interpelação
terra

povo exilado de si mesmo
a viver a mesma terra
flor das flores
ventos e mares
língua materna
fio de vida
saudade
a palavra certa
o lugar certo
abrentes e sóis
vontade de ser
amar o desconhecido
ser uno!
ser
Galiza de norte a sul Portugal

sentir-se homem sombra num sonho
e a busca de ser livre!
que calcanhar de Aquiles o tempo?
que rebento
quando o sol se põe exausto?

o tempo passa
eu ainda neste spleen
passa o tempo
do tempo d'eu de mim
súbita a brisa da saudade
trememente a alma
corpo partido
transido
dentro de teus olhos

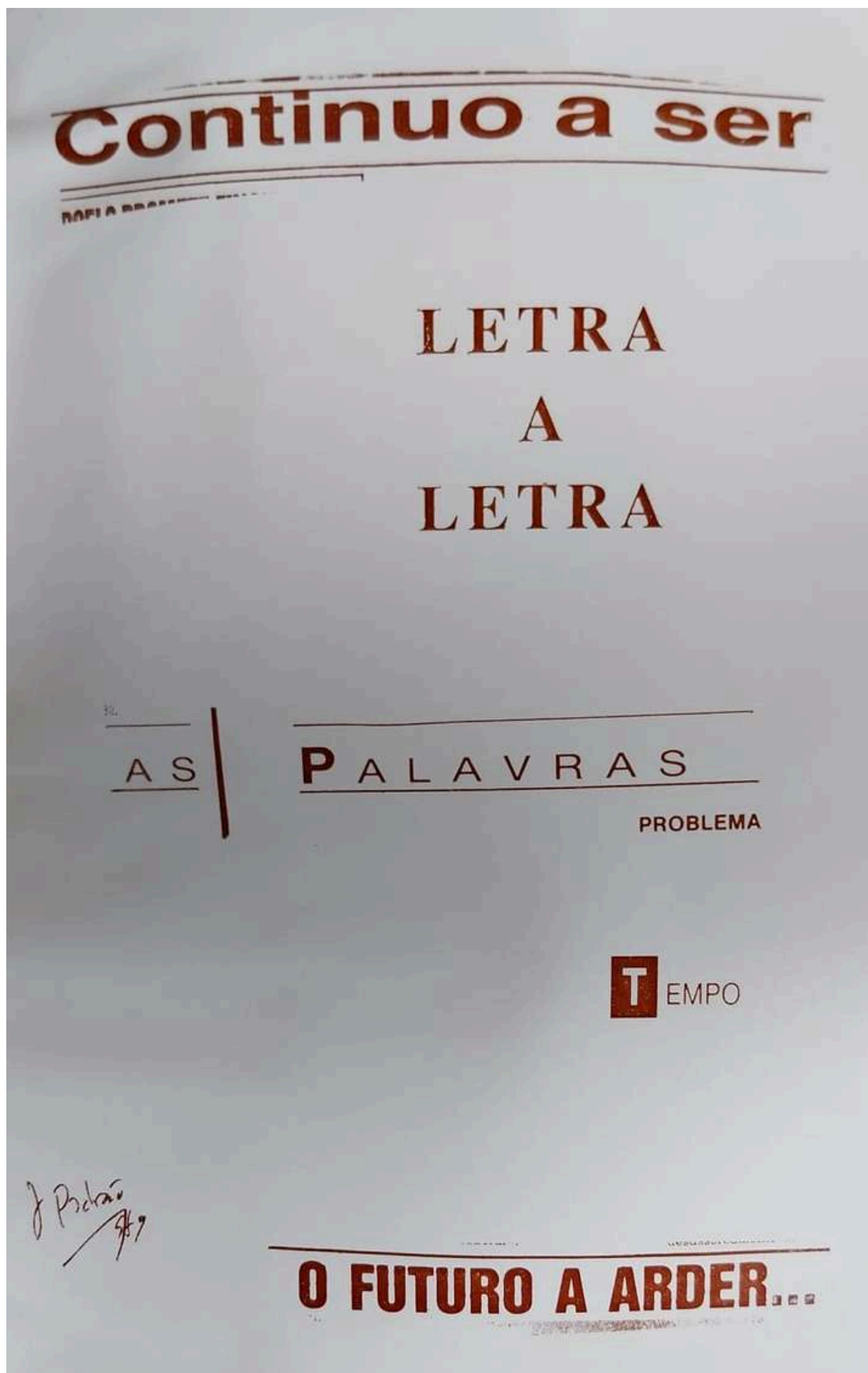
podia pensar
partilhar a vida
como se no ventre do tempo não fosse
homem de vez
sabendo da carne
e da liberdade que não há.

ou:

que belo escudo o tempo e este silêncio sem nome
engrinaldado nas horas e no pinzel molhado ...
que desejo futuro meu canto?

JOÃO PADRÃO
(Galiza)

A ANSIEDADE DA INFLUÊNCIA



BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL

Poesia

-Tempo terra : antologia poética / João Padrão. Pontevedra - Braga : Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, Cadernos do povo. Poesia. 1992.

-Poemas de Paris e outros poemas / José Luís Fontenla Rodrigues. Pontevedra-Braga : Irmandades da Fala, Cadernos do Povo. Poesia. 1985.

-Poemas / José Luís Fontenla. Vila Viçosa : s. n., 1988.

-Sememas (Antologia Poética) (1990). Braga. Como João Padrão.

-A Matria da Palavra (Antologia de Poetas Galego-Lusófonos (1990). Como José Luis Fontenla e João Padrão.

-Ressurgimento galego, essa lusofonia, Ponte Vedra- Braga, 1990, como José Luís Fontenla e João Padrão.

-"A ansiedade da influência -um poeta apresenta-se", in Antologia de Poesia Lusófona (Braga, 1994). Como João Padrão.

-Poesia de João Padrão. Pontevedra-Braga : Nós, Separata da Revista nós, no41-50, 1995.

-Poemas Lusófonos. Carpe litteraturam (1997). Braga. Como João Padrão e Luis Roiz.

-Anti-poemas para Miss Edith e outros poemas / João Padrão. Pontevedra-Braga : [s. n.],. 1998.

-Poemas para Cynara : non sum qualis eram bonae sub regno cynarae / João Padrão. Pontevedre Braga : Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, Biblioteca de Autores lusófonos. 2000. ISSN: 0870-9939

-Cadernos de Poesia do Clube Pickwick, como João Padrão, publicados de 2000 a 2005.

-Fragmentos sem nome / João Padrão. Pontevedra Braga : Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, Cadernos do povo Poesia. 2005. 972-584-076-3.

-Sem título / João Padrão. Pontevedra Braga : Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, Cadernos do povo Poesia. 2005. 972-584-075-5.

-Metamorfose(s) / João Padrão. Pontevedra Braga : Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, Cadernos do Povo Poesia. 2005. 972-584-077-1.

-Série "A Hora do Chá com..."(diferente autores). João Padrão, 2018 em diante.

Teatro

Ítaca e outras peças de teatro (1989). Braga. João Padrão.

Artigos

-*Uma Alternativa de meios de communication en galego : radio, Imprensa, T. V., para a consolidacion da cultura e idioma da Galiza dentro da área cultural luso-brasileira-africana de expresion portuguesa* (1981). IN: I Colóquio galaico-minhoto . Ponte de Lima : Associação Cultural Galaico-Minhota, 1983 . - Vol. 2o, p.111-118

-*Presente e futuro do Galego, análise socio-jurídica do decreto de normativização e das leis autonómicas*, Temas do Ensino, 1985

-*Do Galaico-Português à Lusofonia*" de Fontenla, Actas do III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa, Ass. Amizade Galiza-Portugal

-*Pessoa e a Galiza* / J. L. Fontela. 1990.
Actas IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos / IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos . - Lisboa : Fundação Engenheiro António de Almeida, 1990 . - Vol. 1o, p. 351-363

-*Sobre alusofonia a saudade e a liberdade : cartas abertas a artistas lusófonos*. Pontevedra-Braga : Nós. Separata da Revista Nós, nos41-50, 1995.

-*O acordo ortográfico de 1990, crónica duma semana de cinco dias*", Actas do II congresso internacional de literaturas lusófonas, 1994

-*Língua da Lusofonia, o português da Galiza* / José Luís Fontenla. Pontevedra-Braga : Nós. Separata da Revista Nós, nos 41-50, 1995.

-*Alguns apontamentos sobre terminótica e indústrias da lingua* / José Luis Fontenla. Pontevedra-Braga : [S.n.] . 1998.

-*Lusofonia a ser : Galiza Portugal, Brasil, PALOP, Planificação linguística e acordo ortográfico*, Nova Renascença, vol XIX, Porto 1999

-*Ortografia, ortologia, ortofonia. Terminologia no futuro do Português*, Actas do congresso "Lusofonia a Haver, Sociedade de Língua Portuguesa, (SLP) Revista Língua e Cultura, Lisboa, 2000.

-*Sobre o acordo ortográfico da língua portuguesa* / 2001. in: A Questão do acordo ortográfico / Alvaro Gomes . - Porto - 972-41-1769-3 . - p. 147-152

-*Lusofonia/Lusografia na viragem do milénio*", Fontenla, J L 2001, Revista de Humanidades e Tecnologias.

-*Problemas da língua portuguesa*, Fontenla, J L 2002, Revista de Humanidades e Tecnologias.

-*O português possível*, Revista IBIS, Viana do Castelo, 2002

-*O mito de Babel: contra a desagregação da língua portuguesa*, em Atas do 1º Colóquio da Lusofonia SLP, Porto 2002. Também em Revista Babilónia

-*A visão sociolinguística e antropológica das línguas em Luís Polanah*, Rodrigues, JLF 2006, Babilónia: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução.

A seleção
Excertos de Poesia, José Luís Fontenla
veio a lume em Compostela nos atos de
homenagem a Evanildo Bechara,
Blanca Garcia Fernández-Albalat,
José Luís Fontenla e José Paz
no dia da Academia 2025.

JOSÉ LUÍS FONTENLA

EXCERTOS DE POESIA



José Luís Fontenla Rodrigues, Luís Roiz, João Padrão, António Eirinha,... o autor destas poesias foi advogado, ativista cultural e político, editor, escritor e pintor.

Representante das delegações galegas nos Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa de 1986 e 1990 foi Membro de honra da nossa AGLP.

Em palavras de Ângelo Cristóvão: *"A sua dedicação ao bem público e à dignificação da Galiza implicou um grande sacrifício pessoal e familiar, mas nada pode evitar que uma parte da história cultural e política do país só possa explicar-se pela sua atividade, o que o converte numa espécie de sujeito elíptico na história da cultura galega."*



Academia Galega da
Língua Portuguesa